

Riqueza cultural e carência material no mocambo do Curuá

A comunidade do Pacoval, situado à margem direita do rio Curuá, no município de Alenquer, representa uma das muitas povoações de ancestralidade negra na região do Baixo Amazonas. Sua origem provavelmente remonta a fins do século XVIII, quando um grupo de escravos fugidos, oriundos de Santarém, percorreu uma tortuosa trajetória, incluindo os arredores de Monte Alegre, a travessia do rio Maicuru e a subida e descida do rio Cuminapanema, até atingir sua presente localização.. Contando com menos de 500 pessoas, a população do mocambo passa atualmente por um processo de lenta miscigenação racial. Elementos de origem caucasóide e indígenas são facilmente identificados na composição biológica do povoado. Na sub-população infantil a constatação da mistura genética é evidente, sendo possível se encontrarem crianças com tipos morfológicos raros, em que se verificam insólitas combinações de traços físicos, tais como a presença de cútis intensamente melanizada, cabelos encrespados e íris de cor verde-clara. Ao lado da integração biológica, Pacoval tem vivenciado momentos de mudanças no plano social, pois o ingresso de pessoas vindas de outras regiões da Amazônia (o mesmo do restante do Brasil) trouxe elementos novos ao universo simbólico do mocambo.

A diversidade e a profundidade das manifestações culturais é um dos traços mais chamativos do povoado do Curuá. A mais famosa expressão popular do Pacoval é, sem dúvida o Marambiré, cuja a concepção original tem sido atribuída à própria tradição histórica local. Trata-se de uma peça ritualística com forte apelo de dramaticidade e religiosidade, apresentada por dançarinos nativos e acompanhada de mais de 20 cânticos. Dentre as personagens de destaque, o rei e a rainha do Congo – hoje interpretados pelo Sr. Joaquim Carolino e a Sra. Benta – proporcionam um espetáculo à parte, traduzindo, em seus movimentos a evolução, toda a pujança e expressividade desse ritual afro-brasileiro. No enredo, a simbologia do passado africano, as peculiaridades do processo histórico do negro no Brasil e as referências à realidade dos mocambeiros combinam-se com alusões a elementos da cultura de tradição européia, revelando o caráter sincrético da maior festa do povo pacovalense.

Outra manifestação tradicional integrante do universo de folguedos e ritos de origem afro é o festejo do boi. Ocorre em meados do ano e se dança à noite, geralmente à luz de fogueira, sob a condução de músicos vestidos a caráter. As várias canções, de melodias doces e versos que refletem à infância, são ‘puxadas’ quase num só fôlego, permitindo ao rústico boi dar vazão à sua energia rítmica (e mítica) em meio ao amplo terreno, sob os olhares encantados das dezenas de crianças que acompanham. O refrão de algumas canções permanece na memória do espectador/ouvinte como um conjunto de sons sobejos de ternura; “Estrela do céu, beleza sem fim...”. As personagens de Chico e Catirina completam o espetáculo com seus efeitos dramáticos e o inevitável toque de humor ingênuo e lascivo, o que não poderia faltar neste folguedo popular de Pacoval. Graça e picardia são como água e sal na vida dos pretos do Curuá.

A diversidade cultural do mocambo alenquerense, que compreende outras tradições e mitos à espera de estudos que os interpretem do ponto de vista histórico e antropológico, tem convivido com um estigma de graves implicações para aquela população ribeirinha: a privação material. Há extrema pobreza em

Pacoval e a qualidade de vida é precária. A coleta de castanha, que constitui a principal fonte de renda da localidade, não oferece meios para uma vida econômica estável, devido à descontinuidade da safra ao longo do ano. Nos meses em que os castanhais não dão frutos, o comércio decai drasticamente, os recursos dos mocambeiros tornam-se escassos e o fantasma da fome penetra os lares do povo necessitado. Nesses dias, a solidariedade amazônica é colocada à prova, pois quem não consegue assegurar o almoço diário da família precisa recorrer ao parente ou amigo que tenha sido premiado com a bem-aventurança de uma carne fresca de caça ou peixe. Nem sempre, a mata está para caça ou o rio para peixe...

O povoado apresenta condições de subsistência mínimas e uma infra-estrutura precária. As residências são de pau-a-pique ou folhagens secas de palmeiras, construídas em dimensões muito reduzidas para famílias geralmente numerosas. A água utilizada pela população é recolhida duas a três vezes por dia nas margens do Curuá, sem sofrer qualquer tratamento posterior, mesmo quando destinada à ingestão. Os sanitários residenciais não passam de covas semi-abertas no terreno, esgotos estagnados e expostos a uma variedade de insetos, onde passeiam audaciosamente enormes ratazanas coprófagas, que à noite invadem as habitações. Faltam aos nativos roupas, calçados, medicamentos e utensílios domésticos. A alfabetização das crianças é um processo difícil, pois apesar da existência de uma pequena escola na localidade, as condições do ensino são absolutamente primitivas e insuficientes.

Do ponto de vista médico-epidemiológico, Pacoval se apresenta em estado de lamentável abandono. A educação sanitária do povoado é praticamente nula. Epidemias de gastroenterite atingem com frequência seus moradores, colocando em risco a vida de dezenas de crianças. A taxa de mortalidade infantil mostra-se elevada. Tétano neonatal – conhecido como ‘mal dos sete dias’ – é uma ocorrência tão comum que poucos se importam quando ele faz suas vítimas, ou seja, recém-nascidos que não receberam cuidados higiênicos adequados. Parasitoses, micoses e doenças respiratórias constituem entidades clínicas endêmicas. No levantamento parasitológico da população, verificou-se que a quase totalidade dos indivíduos investigados eram portadores de helmintoses e protozooses intestinais, envolvendo toda sorte de parasitas, desde o corriqueiro *Ascaris lumbricóides* ao menos freqüente *Balantidium coli*. Ao lado do estigma da pobreza, o pacovalense é obrigado a se submeter ao estigma cruel da enfermidade e da morte.

Em meados do ano passado, uma equipe multidisciplinar de pesquisadores ligado ao Programa de Biologia Humana do Museu Emílio Goeldi visitou Pacoval, com o objetivo de fazer um levantamento genético-demográfico, clínico-epidemiológico, morfológico, cronobiológico e histórico da população da localidade. Tomaram parte da expedição, além do autor, o bolsista do CNPq Hilton Silva, o biólogo Francisco Fonseca, a psicóloga Moema Brito, a médica Carmen Nunes e o bacharel em História Aldrin Figueiredo. A equipe se envolveu de maneira profunda com o povo pacovalense, não só pela receptividade que teve, mas especialmente sensibilizada pelo estado de grave carência em que se encontravam aqueles que vieram a se tornar nossos diligentes e amigos. Os líderes da comunidade – Sr. Roxinho, Sra. Cruzinha, Sra. Maria Pimentel, Sr. Joaquim Carolina, Sra. Benta, Baré e Bena – depositaram em nós uma emocionante esperança. Como membros de um mundo urbano e oficial, representávamos uma oportunidade de auxílio, de apoio. Nesse sentido, este artigo foi a única contribuição ao nosso alcance. Ele se propõe veicular um apelo ao verdadeiro

mundo oficial, às autoridades do Estado e de Alenquer, para que se mobilizem em prol do mocambo do Curuá. A nós resta apenas rogar: não permitam que a pobreza econômica ponha em risco a riqueza mítica dos mocambeiros, não deixem desaparecer o Marambiré, os bois e os demais folguedos populares, não abandonem aquele povo tão puro, corajoso e amante da vida! A cultura popular da Amazônia agradece.

Gilberto de Souza Aguiar.

O autor pertence à equipe de Ecologia e Biologia Humana do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Pesquisado por: **Roberto Mesquita.**